



Viver a Palavra

Um amor absolutamente centrado em Deus e universalmente alargado aos irmãos é a proposta de Jesus para quem deseja acolher o projeto de realização e felicidade que Deus tem para cada homem e cada mulher. Ser discípulo de Jesus, acolher o Seu chamamento à santidade, é fazer do amor o alicerce seguro onde edificamos a nossa vida. Por isso, ao ser interpelado por um escriba, que lhe pergunta «*qual é o primeiro de todos os mandamentos?*», Jesus fala de um amor entrelaçado, que comporta dois amores inseparáveis: o amor a Deus e o amor aos irmãos e, deste modo, o amor não é mais uma coisa a fazer, mas o modo como fazemos todas as coisas.

Jesus está com os discípulos a caminho de Jerusalém e a proclamação do amor a Deus e ao próximo tem de estar necessariamente situado neste horizonte de entrega, da qual Jerusalém e a Cruz são sinal. Jesus não se limita a falar do amor, não se limita a dizer que «*o maior é aquele que serve*», mas lava os pés aos Seus discípulos e faz-se Servo. Jesus não se limita a dizer que «*não há maior amor do que dar a vida pelos amigos*», mas voluntariamente foi até ao fim dando a vida por nós na Cruz. Ensina-nos a beleza de um amor que se vive no concreto da vida, que se constitui como maior e mais importante mandamento, porque plasmando toda a vida humana, nos faz saborear a beleza divina.

Por isso, o anúncio do amor em Jesus de Nazaré é a proclamação de um amor que se faz entrega generosa em atitudes concretas e onde palavras e gestos intimamente ligados entre si (DV 2) nos falam do amor maior que Deus derrama sobre cada um de nós.

Este escriba que se aproxima de Jesus coloca-lhe uma pergunta bem-intencionada, ao contrário de outras passagens evangélicas onde escribas, fariseus ou doutores da lei se dirigem a Jesus para o porem à prova ou armarem alguma cilada. Na verdade, sabemos que os mestres judeus, lendo minuciosamente os livros da Lei tinham encontrado 613 preceitos, acerca dos quais se desenvolviam inúmeras discussões e conflitos para que se estabelecesse uma hierarquia, para identificar quais os mais importantes.

É verdade, que já estamos longe da imposição destes 613 preceitos, mas não deixa de ser atual a pergunta acerca daquilo que é mais importante na nossa vida. Entre os múltiplos afazeres de cada dia, com o frenesim do trabalho, da vida familiar e dos compromissos sociais, a nossa vida enche-se e preenche-se de coisas a fazer e de deveres a cumprir. É urgente tornar à pergunta acerca daquilo que é mais importante e deve estar no centro da nossa vida: o amor. Tendo bem presente as palavras do livro do Deuteronómio, Jesus propõe um amor a Deus que se vive «*com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças*», isto é, um amor que envolve toda a vida e a vida toda, porque nenhuma dimensão da nossa vida deve ficar fora deste dinamismo de amor e de graça. Deste modo, se sou convidado a amar assim a Deus, sou convidado a amar o que Ele ama, sou chamado a amar cada homem e cada mulher como um irmão, porque o mandamento novo do amor há-de sempre recordar-nos a beleza de sermos filhos muito amados de Deus e, por isso, desafiados ao exigente e reconfortante compromisso de viver como irmãos. *in Voz Portucalense.*

+++++

No Domingo XXXI, dia 3 de novembro, inicia a Semana de oração pelos Seminários. O tema deste ano é: «*Que posso eu esperar?*» (cf. Sl 39,8). A Comissão Episcopal Vocações e Ministérios preparou um conjunto de materiais para ajudar as comunidades a viver e dinamizar esta semana. Os materiais estão disponíveis na página

da referida comissão (<http://www.ecclesia.pt/cevm/>). Recomenda-se que seja uma semana de oração e partilha com os seminários diocesanos, mas também a oportunidade de apresentar o seminário como lugar feliz de formação para o serviço da Igreja. Poderá ser oportuno da parte do presidente da celebração uma pequena partilha da sua experiência no seminário, sobretudo junto dos mais jovens. Além disso, a Liturgia da Palavra deste Domingo é uma oportunidade para falar da vocação ao ministério presbiteral como lugar de entrega num amor centrado em Deus e universalmente alargado aos irmãos.

+++++

Continuamos no ciclo - Ano B - do Ano Litúrgico. Durante todo este ano litúrgico – 2023/2024 -, acompanhamos o evangelista S. Marcos em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Marcos.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra ficará disponível um texto sobre o evangelista Marcos. Também poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – do Novo Testamento, mas também do Antigo Testamento – em <https://parquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Deuterónimo 6,2-6

Moisés dirigiu-se ao povo, dizendo:

«Temerás o Senhor, teu Deus, todos os dias da tua vida, cumprindo todas as suas leis e preceitos que hoje te ordeno, para que tenhas longa vida, tu, os teus filhos e os teus netos.

Escuta, Israel, e cuida de pôr em prática o que te vai tornar feliz e multiplicar sem medida na terra onde corre leite e mel, segundo a promessa que te fez o Senhor, Deus de teus pais.

Escuta, Israel:

o Senhor nosso Deus é o único Deus.

Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças.

As palavras que hoje te prescrevo ficarão gravadas no teu coração».

CONTEXTO

O Livro do Deuterónimo parece ser o “livro da Lei” ou “livro da Aliança” descoberto no Templo de Jerusalém no 18º ano do reinado de Josias (622 a.C.) (cf. 2 Re 22,3-13) e que serviu de motor à grande reforma religiosa levada a cabo por este rei no sentido de reconduzir o Povo à fé em Javé. Neste livro, os teólogos deuteronomistas – originários do Norte (Israel) mas, entretanto, refugiados no sul (Judá) após as derrotas dos reis do norte frente aos assírios – apresentam os dados fundamentais da sua teologia: há um só Deus, que deve ser adorado por todo o Povo num único local de culto (Jerusalém); esse Deus amou e elegeu Israel e fez com ele uma Aliança eterna; e o Povo de Deus deve ser um único Povo, uma família unida que tem Deus como a sua grande referência (portanto, não têm qualquer sentido as questões históricas que levaram o Povo de Deus à divisão política e religiosa, após a morte do rei Salomão).

Literariamente, o livro apresenta-se como um conjunto de três discursos de Moisés, pronunciados nas planícies de Moab, pouco antes de o Povo libertado do Egito atravessar o Jordão para tomar posse da Terra Prometida. Pressentindo a proximidade da sua morte, Moisés deixa ao Povo uma espécie de “testamento espiritual”: lembra aos hebreus os compromissos assumidos para com Deus e convida-os a renovar a sua Aliança com Javé.

O texto que hoje nos é proposto integra o segundo discurso de Moisés (cf. Dt 4,44-28,68). Tanto pelo lugar que ocupa no livro, como pela sua importância, este segundo discurso de Moisés constitui o centro do Livro do Deuterónimo. Em linhas gerais, este discurso apresenta-se em três peças principais: uma introdução (cf. Dt 4,44-11,32), um código legal (cf. Dt 12,1-25,19) e uma conclusão (cf. Dt 26,1-28,68).

A primeira parte da introdução ao segundo discurso de Moisés (cf. Dt 4,44-9,5) oferece-nos uma apresentação do Decálogo (cf. Dt 5,1-33) – a Lei fundamental da Aliança estabelecida entre Deus e Israel, no Horeb – e, na sequência, um conjunto de exortações ao Povo para que viva na fidelidade aos mandamentos (cf. Dt 6,1-9,5). O nosso texto é um extrato dessa exortação. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- “Temerás o Senhor, teu Deus, todos os dias da tua vida” – diz Moisés ao Povo que se prepara para entrar na Terra da Promessa. A expressão pode soar mal aos ouvidos dos crentes formados na escola de Jesus, que se habituaram a ver em Deus um Pai bom, que ama cada um dos seus filhos

com um amor sem limites. A um Deus que ama como Pai, não se “teme”: aproximamo-nos d’Ele com a confiança de filhos, que se sentem queridos, acolhidos e profundamente amados. “Temer o Senhor” é, na realidade, responder ao amor desse Pai bom com a obediência incondicional, a confiança inamovível, a entrega confiada; é renunciar à própria autossuficiência para se entregar completamente nas mãos de Deus, acolhendo, com a confiança de filhos, as suas indicações, as suas propostas, os seus bons conselhos de Pai. Como é que nos situamos diante de Deus? Caminhamos pela vida carregando o fardo do medo de Deus, ou fazemos caminho sentindo que a ternura do nosso Pai do céu nos liberta, nos consola, nos dá confiança, nos abre em cada passo horizontes de esperança? A nossa resposta ao amor de Deus traduz-se no acolhimento das suas propostas e indicações?

- “Escuta, Israel: o Senhor nosso Deus é o único Deus”. Esta “profissão de fé” que os crentes israelitas ainda hoje fazem duas vezes por dia, convida-nos a lembrar a centralidade única de Deus nas nossas vidas. Deus “é o único”: é Ele e só Ele que nos dá Vida e que enche de significado a nossa existência. É à volta d’Ele que podemos ancorar o nosso projeto de vida. Provavelmente todos nós, crentes, aceitamos isto... Mas, mesmo assim, podemos viver como “politeístas práticos”, que no dia a dia correm atrás de outros “deuses”, de “deuses” efémeros, nos quais pomos a nossa confiança, a nossa segurança e a nossa esperança: o dinheiro, o poder, o êxito, a posição social, os títulos, as honras, os aplausos e a admiração dos que nos rodeiam... Estamos conscientes de que esses “deuses”, mesmo trazendo algo de útil e de agradável à nossa existência, não podem servir de pedra angular na construção da nossa vida? Estamos conscientes de que algumas realidades que endeusamos poderão escravizar-nos e destruir-nos?
- “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças” – pede Moisés ao Povo de Deus. Como é que deve expressar-se, em termos práticos, esse amor a Deus? É através de declarações solenes e ocas de boas intenções? É através de fórmulas fixas de oração que papagueamos de cor? É através de solenes ritos litúrgicos, que nos enchem os olhos, mas não nos tocam o coração? Não deverá antes ser na entrega total nas mãos de Deus, na escuta atenta da sua vontade, no cumprimento dos seus mandamentos e preceitos, no testemunho do amor junto dos nossos irmãos, no compromisso com a construção de um mundo que esteja de acordo com o projeto de Deus? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 17

Refrão: Eu Vos amo, Senhor: Vós sois a minha força.

**Eu Vos amo, Senhor, minha força,
minha fortaleza, meu refúgio e meu libertador,
meu Deus, auxílio em que ponho a minha confiança,
meu protetor, minha defesa e meu salvador.
Invoquei o Senhor – louvado seja Ele –
e fiquei salvo dos meus inimigos.
Viva o Senhor, bendito seja o meu protetor;
exaltado seja Deus, meu Salvador.
Senhor, eu Vos louvarei entre os povos
e cantarei salmos ao vosso nome.
O Senhor dá ao seu Rei grandes vitórias
e usa de bondade para com o seu Ungido.**

LEITURA II – Hebreus 7,23-28

**Os sacerdotes da antiga aliança
sucederam-se em grande número,
porque a morte os impedia de durar sempre.
Mas Jesus, que permanece eternamente,
possui um sacerdócio eterno.
Por isso pode salvar para sempre
aqueles que por seu intermédio se aproximam de Deus,
porque vive perpetuamente para interceder por eles.
Tal era, na verdade, o sumo sacerdote que nos convinha:
santo, inocente, sem mancha,
separado dos pecadores e elevado acima dos céus,
que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes,
de oferecer cada dia sacrifícios,
primeiro pelos seus próprios pecados,**

**depois pelos pecados do povo,
porque o fez de uma vez para sempre
quando Se ofereceu a Si mesmo.
A Lei constitui sumos sacerdotes
homens revestidos de fraqueza,
mas a palavra do juramento, posterior à Lei,
estabeleceu o Filho sumo sacerdote perfeito para sempre.**

CONTEXTO

A Carta aos Hebreus, mais do que uma “carta”, é um sermão de autor desconhecido, que alguns pensam ter sido um discípulo do apóstolo Paulo. Os destinatários desse sermão são cristãos que vivem a sua fé em contexto difícil e que, por isso, deixaram arrefecer o seu entusiasmo e o seu compromisso com Jesus e com o Evangelho. O uso abundante de citações e de figuras do Antigo Testamento poderá indiciar que esses cristãos são de origem judaica; mas isso não é totalmente claro, uma vez que o Antigo Testamento já era, na altura em que a Carta aos Hebreus apareceu, referência para todos os cristãos, quer os de origem judaica, quer os de origem greco-romana.

Recorrendo à linguagem da catequese judaica, o autor da Carta aos Hebreus apresenta Cristo como o sumo-sacerdote fiel e misericordioso que estabelece a ligação entre Deus e os homens. Depois de ter incarnado e caminhado lado a lado com os homens, Jesus “atravessou os céus” e apresentou ao Pai a nossa humanidade, obtendo de Deus o perdão para as nossas falhas e inserindo-nos na família de Deus. Membros de Cristo, fazemos parte do Povo sacerdotal, que é a Igreja. De olhos postos em Cristo, procuramos viver de acordo com as suas indicações e, como Ele, fazemos da vida um contínuo sacrifício de louvor, de entrega e de amor.

Referindo-se a Cristo como o sumo-sacerdote que nos dá acesso a Deus, o autor da Carta aos Hebreus coloca-o na linha de Melquisedec (cf. Heb 6,20), um personagem misterioso que se encontra com Abraão depois de este vencer o rei Cadorlaomer e seus aliados. Apresentado como rei e sacerdote de Salem (localidade desconhecida, que o Sl 76,3 identifica com Jerusalém), Melquisedec é “sacerdote do Deus Altíssimo”. Abençoa Abraão e oferece-lhe pão e vinho; e Abraão, o antepassado dos sacerdotes levíticos, inclinar-se-á diante dele e pagar-lhe-á o dízimo (cf. Gn 14,18-20). O Salmo 110, por sua vez, apresenta um rei da casa de David como o continuador do sacerdote Melquisedec (“o Senhor jurou” ao rei “e não voltará atrás: tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec” – Sl 110,4). A partir daqui a figura de Melquisedec adquirirá uma clara conotação messiânica. Após o Exílio na Babilónia, os judeus esperam ver surgir um salvador da descendência de David que reúna, como Melquisedec, o sacerdócio e a realeza.

O autor da Carta aos Hebreus vê Cristo a esta luz. Na sua perspectiva, Jesus exerce um sacerdócio perfeito e eterno, que não se vincula ao sacerdócio de Levi (que é um sacerdócio exercido por homens pecadores, mortais e que se sucedem de geração em geração), mas que realiza o sacerdócio real do Messias davídico, sucessor de Melquisedec.

Na primeira parte do capítulo 7 da Carta, o autor resume a história de Melquisedec e afirma a superioridade do seu sacerdócio sobre o sacerdócio levítico (cf. Heb 7,1-10); na segunda, o autor demonstra que o sacerdócio novo de Cristo (na linha do sacerdócio de Melquisedec) é um sacerdócio perfeito e eterno, que veio substituir o sacerdócio levítico e abolir a antiga Lei (cf. Heb 7,11-28). *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Dirigindo-se a cristãos que vivem num ambiente hostil e que, por isso, se sentem desanimados e desmotivados, o autor da Carta aos Hebreus convida-os a revitalizar o seu compromisso com Cristo. Ele, o sumo-sacerdote eterno que intercede por nós junto de Deus, é fonte inesgotável de Vida e de salvação. Por isso, não podemos fechar-lhe as portas da nossa vida, nem desistir do caminho que Ele nos indica. A recomendação do autor da Carta aos Hebreus continua a fazer sentido vinte séculos depois... O ambiente desfavorável à fé, a crise de valores, o cansaço, a acomodação, talvez mesmo a desilusão que sentimos diante das fragilidades da Igreja, podem levar-nos a negligenciar o nosso compromisso com Cristo e a “guardar na gaveta” os valores do Evangelho. Mas Cristo continua a ser a nossa melhor oportunidade para construirmos uma vida plena de sentido. Estamos conscientes disso? As suas palavras, as suas indicações, o seu evangelho, continuam a ser decisivos na definição da nossa vida, das nossas opções, do nosso caminho?
- Uma das razões que leva o autor da Carta aos Hebreus a estabelecer a superioridade do sacerdócio de Cristo sobre o sacerdócio levítico prende-se com a “qualidade” do sacrifício que Cristo ofereceu a Deus. Ele não ofereceu, como os sacerdotes do Antigo Testamento, o sangue de animais imolados, mas ofereceu a sua própria vida. Ele pôs a sua vida ao serviço do projeto de Deus e deu tudo, até à última gota de sangue, para que esse projeto se concretizasse. Nós, os crentes, sempre preocupados em agradar a Deus e em render-lhe o culto que Ele merece, esquecemos, por vezes, o óbvio: mais do que ritos majestosos, manifestações públicas de fé, solenes celebrações, Deus aprecia o dom de nós mesmos. O culto que Ele nos pede, o sacrifício que Ele aprecia e que há de

gerar Vida nova para nós e para os que caminham ao nosso lado, é a obediência aos seus projetos, o acolhimento da sua vontade, a entrega completa da nossa vida nas suas mãos. Como é a nossa resposta ao amor de Deus? É uma resposta puramente externa, ou é a oblação a Deus de nós próprios, de tudo o que somos e fazemos?

- Cristo é, efetivamente, o sumo-sacerdote que está junto do Pai e que intercede continuamente por nós, como repete até ao infinito o autor da Carta aos Hebreus. A consciência desse facto deve encher o nosso coração de paz, de esperança e de confiança: se Cristo intercede por nós, podemos encarar a vida de forma serena, com a consciência de que as nossas debilidades e fragilidades nunca nos afastarão, de forma definitiva, da comunhão com Deus e da vida eterna. Essa certeza é, para nós, fonte de paz, de harmonia e de esperança? *in Dehonianos.*

EVANGELHO – Marcos 12,28-34

Naquele tempo,

aproximou-se de Jesus um escriba e perguntou-Lhe:

«Qual é o primeiro de todos os mandamentos?»

Jesus respondeu:

«O primeiro é este:

‘Escuta, Israel:

O Senhor nosso Deus é o único Senhor.

Amarás o Senhor teu Deus

com todo o teu coração, com toda a tua alma,

com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças’.

O segundo é este:

‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’.

Não há nenhum mandamento maior que estes».

Disse-Lhe o escriba:

«Muito bem, Mestre! Tens razão quando dizes:

Deus é único e não há outro além d’Ele.

Amá-l’O com todo o coração,

com toda a inteligência e com todas as forças,

e amar o próximo como a si mesmo,

vale mais do que todos os holocaustos e sacrifícios».

Ao ver que o escriba dera uma resposta inteligente,

Jesus disse-lhe:

«Não estás longe do reino de Deus».

E ninguém mais se atrevia a interrogá-l’O.

CONTEXTO

Jesus e os discípulos já estão em Jerusalém. Chegaram há três dias. Durante a noite, têm ficado alojados em Betânia, a pequena povoação situada no lado oriental do Monte das Oliveiras; mas todos os dias descem o monte, entram na cidade de Jerusalém e dirigem-se ao templo.

Esses dias têm sido marcados por duros confrontos entre Jesus e as autoridades religiosas de Jerusalém. Logo no segundo dia Jesus tinha realizado o gesto profético de expulsar do Templo os negociantes e tinha acusado os líderes judaicos de terem feito da “casa de Deus um covil de ladrões” (cf. Mc 11,15-18). Depois disso, tinha contado aos dirigentes judeus a parábola dos vinhateiros homicidas (cf. Mc 12,1-12), acusando-os de se oporem, de forma continuada, à realização do plano salvador de Deus. Os líderes judaicos, convencidos de que Jesus era irrecuperável, tinham tomado decisões drásticas: Ele devia ser preso, julgado, condenado e eliminado. Fariseus, partidários de Herodes (cf. Mc 12,13) e até saduceus (cf. Mc 12,18), procuravam estender armadilhas a Jesus, a fim de O surpreender em afirmações pouco ortodoxas, que pudessem ser usadas em tribunal para conseguir uma condenação. As controvérsias sobre o tributo a César (cf. Mc 12,13-17) e sobre a ressurreição dos mortos (cf. Mc 12,18-27) devem ser situadas e compreendidas neste contexto.

É precisamente neste cenário que aparece um escriba a perguntar a Jesus qual era o maior mandamento da Lei. Ao contrário de Mateus (cf. Mt 22,34-40), Marcos não considera, contudo, que a questão seja posta a Jesus para o embaraçar ou para o pôr à prova. O escriba que coloca a questão parece ser um homem sincero e bem-intencionado, genuinamente preocupado em esclarecer uma questão para a qual ele ainda não tinha encontrado uma resposta convincente.

De facto, a questão do maior mandamento da Lei não era uma questão pacífica e tornou-se, no tempo de Jesus, objeto de debates intermináveis entre os fariseus e os doutores da Lei. A preocupação em atualizar a Lei, de forma que ela respondesse a todas as questões que a vida do dia a dia punha, tinha levado os doutores da Lei a deduzir um conjunto de 613 preceitos, dos quais 365 (o número dos dias do ano) eram proibições e 248 (o número dos membros do corpo humano, segundo a mentalidade judaica) ações a pôr em prática. Esta

“multiplicação” dos preceitos legais lançava, no entanto, a questão da ordenação dos mandamentos: qual era o primeiro, o maior, o mais importante, aquele que devia aparecer à frente de todos os outros? Os “mestres” judaicos mantinham, sobre isto, discussões intermináveis; mas as suas respostas não eram coincidentes. É daqui que parte a pergunta que o escriba traz a Jesus. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Dois mil anos de cristianismo significam um longo caminho. Ao longo desse caminho, a comunidade de Jesus – como todas as instituições que caminham pela história – foi acumulando um grande número de coisas: normas, preceitos, costumes, tradições, ritos, doutrinas, explicações, veneráveis opiniões, teorias mais ou menos discutíveis... Algum desse material é muito belo e continua a ajudar a comunidade cristã a caminhar na fidelidade a Jesus; outro é datado, perdeu o prazo de validade e pode tornar-se obstáculo para que os homens e mulheres do séc. XXI possam descobrir Jesus e a sua proposta. O pó que os séculos vão acumulando pode, a dada altura, ocultar-nos o essencial e fazer-nos perder a noção do que é realmente importante. Hoje, em âmbito eclesial, gastamos tempo e energias a discutir certas questões secundárias, puramente acidentais, enquanto deixamos em segundo plano o essencial da proposta de Jesus. As palavras de Jesus que escutamos no evangelho deste domingo poderão ajudar-nos a refazer as nossas prioridades: o essencial é o amor a Deus e o amor aos irmãos. Nisto se resume toda a revelação de Deus e a sua proposta de Vida plena e definitiva para os homens. O que é que consideramos essencial para nos mantermos fiéis e a Jesus e à sua proposta? A nossa avaliação do que é essencial está de acordo com as palavras de Jesus que hoje ouvimos?
- O que é “amar a Deus”? Olhemos para Jesus... Ele sentia-se profundamente amado por Deus; Deus era o centro da sua vida. Por isso, procurava estar com o Pai, falar com o Pai, conhecer os planos do Pai para o mundo e para os homens. Jesus vivia o seu amor a Deus a partir desta realidade. Para Ele, o amor a Deus concretizava-se na procura de proximidade com o Pai, na escuta do Pai, na obediência incondicional à vontade do Pai, na entrega de toda a sua vida à realização do projeto do Pai. Esta forma de “amar a Deus” pode ser um bom modelo para nós. Deus é para nós, como era para Jesus, um Pai por quem nos sentimos profundamente amados? E esse amor que Deus nos dedica atrai-nos, faz-nos sentir necessidade de arranjar tempo para estar com Ele, para manter um diálogo com Ele? Faz-nos sentir vontade de acolher as indicações de Deus e de viver de acordo com elas? Motiva-nos para acolhermos os projetos de Deus e para nos comprometermos em torná-los realidade no mundo que estamos a construir?
- O que é “amar os irmãos”? Olhemos outra vez para Jesus... Ele “passou pelo mundo fazendo o bem”. Curava as feridas dos que sofriam, sentava-se à mesa com aqueles que a sociedade e a religião condenavam, tocava os leprosos e devolvia-lhes a consciência da sua dignidade, defendia as mulheres vítimas de leis discriminatórias, saciava a fome das multidões e ensinava-as a partilhar, levava a esperança a todos aqueles cujas vidas estavam em becos sem saída. Nunca discriminou ninguém e morreu pedindo a Deus perdão para os seus assassinos. Os seus gestos testemunhavam a solicitude, a misericórdia de Deus por todos os seus filhos. De acordo com o exemplo e o testemunho de Jesus, o amor aos irmãos passa por cuidarmos de cada homem e de cada mulher com quem nos cruzamos nos nossos caminhos de todos os dias, sem distinção de raça, de nacionalidade, de estatuto social, de religião ou de qualquer outra fronteira real ou imaginária. Como é que vemos e tratamos os irmãos e irmãs que caminham ao nosso lado? Sentimo-nos responsáveis por cada pessoa que sofre, que vive em condições indignas, que é vítima de injustiça, que é deixada para trás, que é maltratada e desrespeitada?
- Muitos homens e mulheres, ao longo da história, viram no “amor a Deus” e no “amor ao próximo” duas realidades de difícil conciliação. Alguns dos que acentuavam a verticalidade – o “amor a Deus” – fecharam-se numa piedade que fugia do mundo e se refugiava em lugares solitários, de olhos postos na contemplação de Deus, à margem dos problemas e das dores dos homens e das mulheres; outros, que acentuavam a horizontalidade (o “amor ao próximo”) – apostaram tudo na dimensão humana, desvalorizando Deus, ou até mesmo considerando Deus um adversário da liberdade e da realização plena dos seres humanos. O evangelho deste domingo garante que não há qualquer contradição entre as duas realidades. “A glória de Deus é o homem vivo” (Santo Ireneu de Lião); quem mergulha no amor de Deus descobre que a grande preocupação de Deus é o bem dos seus queridos filhos e filhas que peregrinam na terra. A contemplação de Deus alguma vez nos afastou da luta por um mundo mais digno e mais humano para todos os filhos e filhas de Deus? A intervenção social alguma vez nos afastou de Deus ou nos levou a “fechar os ouvidos” às indicações de Deus?
- Qual é, para nós, o elemento fundamental da nossa experiência de fé? Que lugar ocupa o amor – o amor a Deus e o amor ao próximo – no edifício da nossa vida religiosa? Por vezes não tenderemos a dar demasiada importância a elementos que não têm grande significado (as tradições religiosas

que herdamos dos nossos antepassados, a devoção que nos inspira determinada imagem religiosa, as festas com um leve verniz religioso mas que são pretexto para manifestações pouco cristãs, os rituais pomposos e muitas vezes vazios de significado, as questões disciplinares laterais, as honrarias pouco evangélicas, os títulos “religiosos” que nada significam...), esquecendo o essencial, negligenciando o mandamento maior? *in Dehonianos*

Para os leitores:

As leituras propostas para este Domingo não apresentam nenhuma dificuldade relevante na sua preparação. Contudo, a aparente facilidade destas leituras não deve permitir descurar a sua preparação:

A **primeira leitura** deve ser marcada pelo tom exortativo do discurso de Moisés ao Povo e a **segunda leitura** tem frases longas com diversas orações

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)